



**TI KATIGOYÁ – WEMEN LIMOLAYGO KRIPPÓ XUKURU:  
EXISTÊNCIAS – CORPOS TERRITÓRIOS DE MULHERES XUKURU**

**TI KATIGOYÁ – WEMEN LIMOLAYGO KRIPPÓ XUKURU:  
EXISTENCIAS – CUERPOS TERRITORIOS DE MUJERES XUKURU**

Juliana Alves Xukuru, UFPB.  
Maria Emilia Sardelich, UFPB.

**RESUMO**

Este artigo apresenta uma reflexão sobre o processo criativo de uma artista mulher indígena com formação acadêmica em Artes Visuais. Como tantas outras mulheres indígenas do continente americano, a artista também teve que (re)fazer-se em uma longa caminhada para afirmar sua diferença, devido a forçada dispersão migratória -vivenciada na infância com sua família- pela violenta ocupação de seus territórios originários por parte da população branca. Seu processo criativo (re)habita, de diferentes modos, esse território originário com outras mulheres, (re)aprende a língua Brobo como um dos elementos da identidade Xukuru, (re)tinta com jenipapo e urucum, revelando seu posicionamento por uma produção artística contra a violência simbólica e as tensões do racismo estrutural da sociedade brasileira ainda por resolver.

**PALAVRAS-CHAVE**

Processo criativo. Arte indígena. Memória. Xukuru de Cimbres. Xukuru Ororubá.

**RESUMEN**

*Este artículo presenta una reflexión sobre el proceso creativo de una mujer artista indígena con formación académica en Artes Visuales. Como tantas otras mujeres indígenas del continente americano, la artista también tuvo que desandar un largo camino para reivindicar su diferencia, debido a la forzada dispersión migratoria -vivida con su familia en la infancia- por la ocupación violenta de sus territorios de origen por parte de la población blanca. Su proceso creativo (re)habita, de diferentes maneras, este territorio original con otras mujeres, (re)aprende la lengua Brobo como uno de los elementos de la identidad Xukuru, (re)tinta con jenipapo y urucú, revelando su posicionamiento por una producción artística contra la violencia simbólica y las tensiones del racismo estructural de la sociedad brasileña, aún por resolver.*

**PALABRAS CLAVE**

*Proceso creativo. Arte Indígena. Memoria. Xukuru de Cimbres. Xukuru Ororubá.*

**Introdução**

*“O território é nossa própria vida, nosso corpo, nosso espírito.”*  
Manifesto das Mulheres Indígenas. I Marcha das Mulheres Indígenas. 2019<sup>1</sup>.

A proposta do tema Existências, nos provoca a pensar em nossas formas de vida que se expressam em nossos corpos territórios. Desse modo, a reflexão que se

realiza neste artigo nasce da força de um trajeto de mãos dadas, que começou a se fortalecer com as *Cartas Celestes* (ALVES; SARDELICH, 2021). Trajeto no qual as autoras se animam no caminhar em troca da visibilidade e da existência de mulheres indígenas por meio das Artes Visuais. Uma “aliança afetiva” (KRENAK, 2019) entre mulher indígena e mulher não indígena possível de simbolizar uma das estratégias contra o apagamento histórico e a sobrevivência de nossos povos originários: a troca.

Eu andei um pouco nessa experimentação até que consegui avançar para uma ideia de alianças afetivas – em que a troca não supõe só interesses imediatos. Supõe continuar com a possibilidade de trânsito no meio das outras comunidades culturais ou políticas, nas quais você pode oferecer algo seu que tenha valor de troca. E esse valor de troca supõe continuidade de relações. É a construção de uma ideia de que seu vizinho é para sempre [...] as relações não são percebidas como potência que ocorre só entre pessoas, no sentido comum em que nós entendemos as pessoas, as relações humanas, as relações sociais. Elas são alianças com muitas outras potências que estão dadas, que são possíveis. O raio, a chuva, o vento, o sol, a brisa, as paisagens. Aliança é troca com todas as possibilidades, sem nenhuma limitação (KRENAK, 2019, p. 170 - 172).

É nas trocas e pelas trocas que pensamos em como os processos artísticos também dão visibilidade às lutas das mulheres indígenas. Muitas mulheres indígenas foram forçadas a abandonar seus territórios originários devido à dispersão migratória imposta pela violenta ocupação desses territórios por parte da população branca. Nesse deslocamento obrigado, o processo criativo oferece uma possibilidade de (re)habitar, de diferentes modos, esse território originário, de (re)aprender a língua originária, revelando um posicionamento contra a violência simbólica e as tensões do racismo estrutural da sociedade brasileira ainda por resolver.

Nas trocas e pelas trocas (re)aprendemos:

[...]um jeito de pensar, [...] um jeito de viver, [...] condições fundamentais para a sua existência e para a manifestação da sua tradição, da sua vida, da sua cultura, que não coloca em risco e nunca colocou em risco a existência, sequer, dos animais que vivem ao redor das áreas indígenas, quanto mais de outros seres humanos (KRENAK, 2015, p. 34-35).

Nos fundamentos da cosmovisão do povo Xukuru, tudo que acontece na terra acontece no céu, pois não há separação entre natureza e sociedade. Por isso, há



um diálogo constante que precisa ser zelado e reforçado nas e pelas alianças, eles capazes de iluminar, com a força dos nossos encantados, os caminhos que precisamos trilhar para continuarmos de fato a existir.

Assim, de mãos dadas, ampliamos nosso horizonte existencial, enriquecemos nossas subjetividades, pois

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspende o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que esse tempo que nós vivemos quer consumir (KRENAK, 2019, p. 32).

A seguir apresentamos a reflexão sobre o processo criativo de uma artista mulher indígena com formação acadêmica em Artes Visuais, que (re)faz um caminho para (re)habitar seu território originário, (re)aprender sua língua, seu jeito de pensar, de viver, de cantar, de desenhar, de pintar, de ser na experiência de suspender o céu.

### **Ti Katigo**

A palavra *katigo* precedida do artigo *ti* seria a mais próxima do sentido de existir na língua materna xukuru, o Brobo.

A referência às mulheres xukuru faz, intrinsecamente, referência a dois territórios indígenas: Xukuru de Cimbres, às margens do sagrado Rio Ipanema aos pés da Serra do Jucá, e o território Xukuru Ororubá, em Pesqueira, atual estado de Pernambuco, no Brasil.

Intitulado em Brobo, o trabalho *Krippó Limolaygo*, se adere a uma denominação de “fotoperformance” enquanto a reflexão sobre esse processo não encontra outra que seja capaz de nomear esse tipo de trabalho, posto que nos processos cotidianos indígenas a palavra performance não seria a mais adequada, por isso mantemos as aspas para seguir pensando sobre algo próximo a um ritual, como “[...]a comunhão com a teia da vida que nos dá potência (KRENAK, 2019, p. 46)



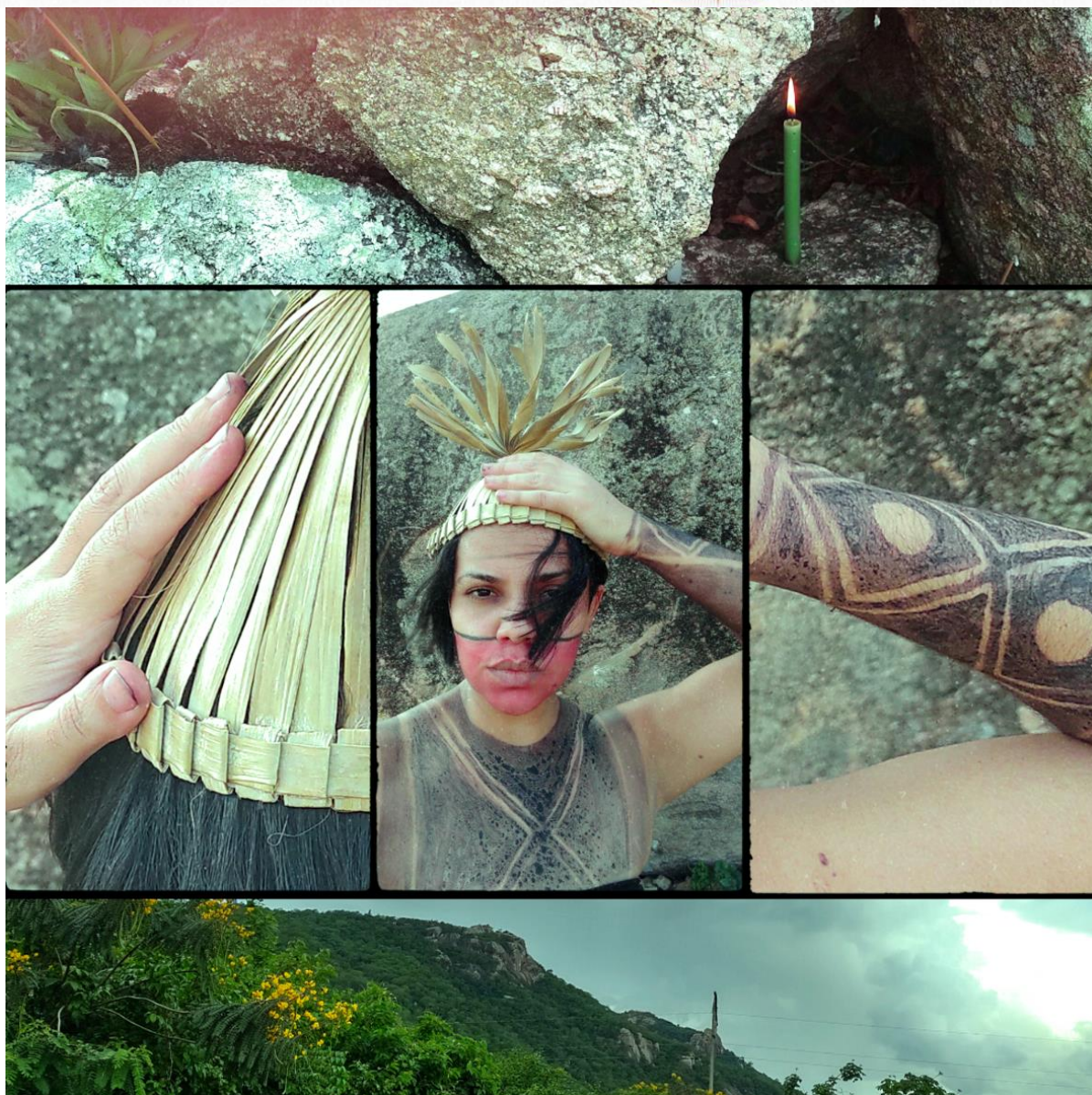


Imagem 1. Krippó Limolaygo/Mulher território. Fotografia. Dimensões: 20 x 20cm.  
Juliana Alves Xukuru, 2022.

*Krippó Limolaygo* trata da autodemarcação do corpo da mulher indígena enquanto território de si mesma. É a demarcação da sua própria existência situada entre os caminhos de seus antepassados e os que atualmente estão a trilhar. Do mesmo modo que as terras de seu povo buscam se libertar dos resquícios da dominação do poder colonial, com as reiteradas invasões, tanto pela força das armas, quanto pelas narrativas e referenciais hegemônicos.

Neste trabalho a fotografia entra em jogo como elemento que atualiza as formas para além do registro, de modo a evidenciar o corpo que busca expressar sua



presença, de maneira intrínseca, de seus territórios do mesmo modo que deles precisa para existir e ampliar a sua existência. Nesta “fotoperformance”, há um processo no qual ritual e cotidiano compartilham um mesmo plano de força, até mesmo na prática de transitar entre a aldeia de nascimento e a outra de moradia. Por isso sinaliza um movimento de autodemarcação.

Enunciada no trabalho *Krippó Limolaygo*, essa autodemarcação sinaliza formas de refazer-se pelos “traços” de seu povo, caminhos delineados pelos ancestrais como as linhas de nossos grafismos/pinturas. Percebo esse refazer no grafismo Xukuru de Cimbres, devido a uma reelaboração sofrida com a mudança de território. A partir dessa mudança, o grafismo passou a acolher a imagem do círculo como elemento central no espaço do losango - antes totalmente preenchido - enunciando um sentido próprio na história da etnia Xukuru de Cimbres: o de renascimento. O acolhimento do círculo se relaciona com o percurso histórico do povo que, sem perder os referenciais ancestrais, amplia e rearticula os sentidos dos mesmos conforme as incessantes transformações vivenciadas .



Imagem 2. Krippó Xukuru de Cimbres. Livro de Artista.  
Juliana Alves Xukuru, 2022.

De uma maneira geral, nós mulheres indígenas xukuru trazemos nossa cultura em nosso próprio corpo, e os elementos desse fazer são tão importantes quanto o alimento e os processos de cura com as plantas, uma vez que não se separam. A nossa Barritina, por exemplo, principal símbolo de todo o povo Xukuru, é feita com o trançado da palha do coco, um alimento que também é utilizado para ornamentação; bem como o milho, do qual extraímos as palhas para nossas vestimentas tradicionais em determinada época do ano.



Imagem 3. Krippó Xukuru. Livro de Artista.  
Juliana Alves Xukuru, 2022.

Elaboradas com as cores do jenipapo e do urucum, frutos encontrados em terras xukuru, a pintura corporal, das etnias Xukuru de Cimbres e Xukuru Ororubá, são fortes elementos que usamos em momentos especiais, a depender do calendário em cada território e, em participações fora das aldeias. Esses elementos se diferenciam em detalhes importantes para cada etnia, pois as pinturas marcam a forte relação com os mesmos princípios de vida que partilhamos em qualquer plano, seja da Natureza Sagrada seja dos Encantados de Luz. Também sinalizam que estamos



prontas para os diferentes e muitos momentos de atuação: os de luta; os rituais, como o Toré, que ocorre em torno ao Pegí; dos festejos comemorativos, como o dia de Mãe Tamaín, santa padroeira de toda a nação indígena Xukuru, Cimbres e Ororubá, ou a comemoração do Dia de Santo Expedito, que ocorre sempre no dia 19 de abril, na Serra do Jucá, território Xukuru de Cimbres.

Tanto na ocasião do dia de Mãe Tamaín, de Santo Expedito e da Busca da Lenha, as mulheres xukuru se fazem presentes e participantes, assim como a Sakarema, a mulher que está junto ao cacique de cada território. Sua presença é tão importante quanto a Luz, esse elemento primordial da nossa cultura. A Luz encontrada tanto nos cantos quanto nas velas que acendemos para iluminar os rituais que ocorrem em determinados espaços sagrados, localizados junto as grandes pedras dos nossos territórios. Atravessar as águas do Rio Ipanema para subir na grande pedra sagrada da Serra do Jucá, como a identificada no trabalho *Krippó Limolaygo*, é um dos rituais mais importantes e de longa duração para nosso povo. O esforço empregado nesse ritual, no atravessar das águas, no encontro da árvore mais antiga do território, o velho Jucá, representa o comprometimento com o nosso ser Xukuru de Cimbres; o respeito aos encantados, a natureza sagrada e ao território.

Transitar pela pintura corporal das etnias Xukuru de Cimbres e Ororubá, a partir da “fotoperformance” que reflete o corpo da mulher xukuru intrínseco ao seu território – invadido no século XVI e retomado na década de 1980 - pode ser uma experiência que nos chame a entender que ainda são muitos os espaços que nos são negados, e que devemos ocupar. Para nós, mulheres indígenas, faz todo sentido nos colocarmos de corpo presente como parte dessa história, da projeção de país que queremos, uma vez que sempre estivemos aqui, como nos lembra Ana Xukuru de Cimbres, uma das mulheres mais atuantes do território Xukuru de Cimbres:

[...] sou indígena, sou mãe, sou mulher, sou professora, sou empresária, queremos mostrar para a sociedade que nós estamos aqui, que nós podemos sim ter oportunidades lá fora e sairmos um pouco da nossa convivência apenas no território; por esse trabalho conseguimos ver que acabamos sendo um exemplo. Eu como indígena tenho condição de ser exemplo para tantas outras mulheres, e este é o meu anseio, poder mostrar para as demais que a gente pode sim! Eu costumo dizer que sou “Caboca de Pena”; que



eu nasci para voar! Eu sou filha da Jurema, eu finco os pés no chão, mas Caboca de Pena, porque o meu Pai Tupã e a minha Mãe Tamaín me fazem vencer, me fazem lutar, me fazem mostrar para o mundo que a mulher indígena tem condição de ir muito mais além. Nos lavamos roupa no riacho, vivemos na aldeia, mas também podemos ocupar outros vários espaços (XUKURU DE CIMBRES, 2021, s.p.)

O trabalho *Krippó Limolaygo* também representa um marco para o povo Xukuru, e principalmente para o Xukuru de Cimbres, sinalizando o quanto o nosso corpo território é movente, uma vez que assinala o momento histórico em que o corpo território indígena Xukuru ocupa um espaço como o da SP ARTE, 2022<sup>ii</sup>.

Essa autodemarcação que acontece no e pelo processo criativo que “[...]funciona como instrumento de luta para os indígenas, um ato político, sobretudo no Brasil de hoje, quando os direitos dos povos indígenas vêm sendo constantemente ameaçados pelo governo federal” (TERENA, 2021, s.p.). Um processo criativo que acontece no diálogo entre planos, da Natureza Sagrada, dos Encantados de Luz e, também, do Acampamento Terra Livre 2022<sup>iii</sup>, em Brasília. Um processo criativo que vai ao encontro das pautas atuais do contexto mulher indígena, que tem sido compartilhada entre as muitas mulheres dos diferentes povos do Brasil. Durante a discussão dessas pautas vibramos com as vozes das diferentes mulheres originárias, lideranças ou não, em espaços referenciais de decisões, institucionais ou não, o que também robustece o processo criativo.

Nós devemos sim estar nos espaços públicos, nos espaços coletivos do nosso povo, dos nossos municípios, estados e nação; por que esse território Brasil é nosso também! Nós contribuímos muito também; nós participamos dessa construção atual também, quero dizer, o funcionamento desse país. Devemos ocupar todos os espaços! [...] Quem está aqui sabe que nossas mulheres temos a voz tão forte quanto a voz de nossos homens; e esse é o ensinamento, esse é o legado que nós devemos deixar pelas nossas descendências (PANKARARU, 2022, s.p)



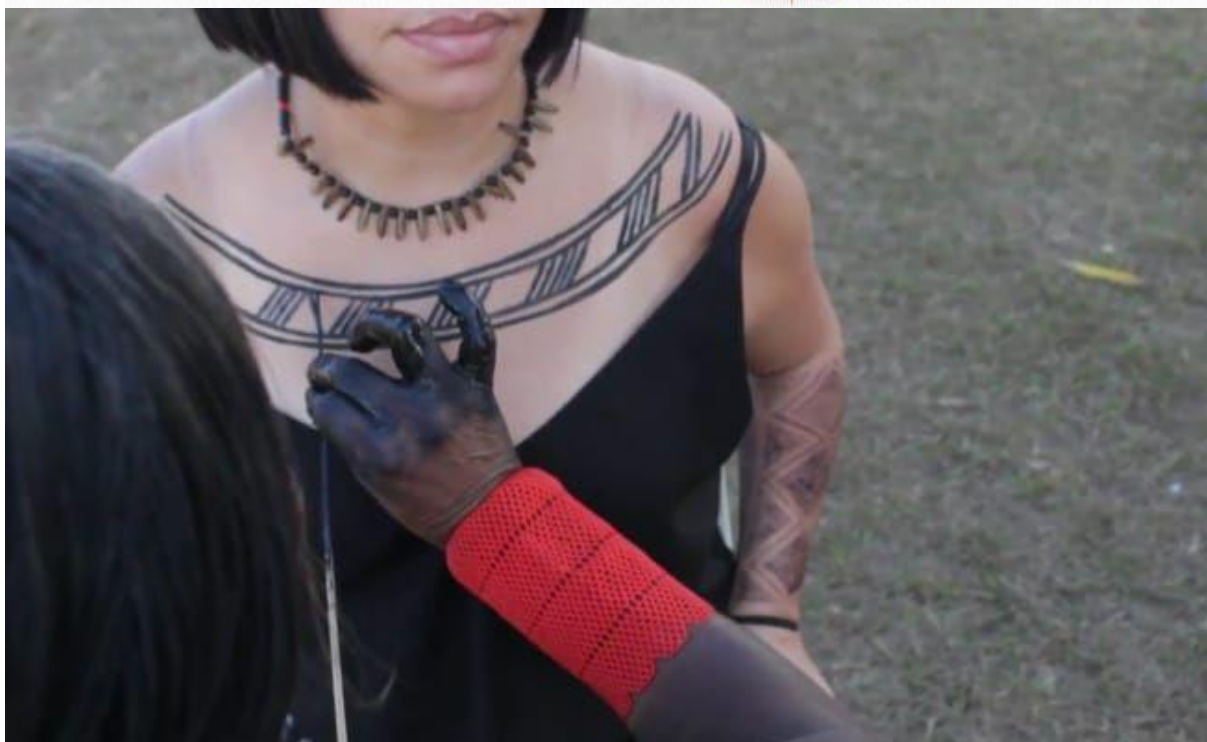


Imagem 4. Mulher Xukuru com Mulher Kayapó no Acampamento Terra Livre 2022.  
Joyce Carvalho, 2022.

Vibrar com as vozes das diferentes mulheres indígenas no Acampamento Terra Livre revigora um processo coletivo que se gesta nesse ambiente coletivo de reafirmação, onde a união de todos os povos originários, bem como seus aliados, sinaliza um projeto plurinacional de país, diferente da implementação da política do desmonte e do genocídio contra os povos originários.

Estar em meio a esse ambiente participativo fortalece um processo de criação no qual, e por meio do qual, o corpo território artista se expande, se potencializa por meio das experiências e conexões para ocupar, sempre em coletivo, outros espaços, ainda que levando uma única obra de autoria sempre coletiva, nunca individual.

Logo, esse corpo mulher indígena, “caboca” de pena que voa de sua aldeia, seu território, para aldear lugares outros de legitimação, flexiona e rompe em determinada medida com uma estrutura pouco permeada por essa presença originária que atua sempre no coletivo, levando/trazendo com a presença de seu corpo/território outras mais. Trata-se de um movimento outro, que vai desde o “aldear a política”, como um dos temas discutidos no Acampamento Terra Livre

2022, até ocupar os espaços de legitimação dos saberes, como as Universidades, as associações de pesquisadores entre os variados domínios da Arte Contemporânea. Esse movimento, contribui para legitimar imagens sobre quem e como somos.

### **Considerações transitórias**

O processo de elaboração da “fotoperformance” *Krippó Limolaygo* envolve um período de tempo em que acontece o caminhar da artista entre seus dois territórios Xukuru, o de nascimento: Xukuru Ororubá e o Xukuru de Cimbres, nos quais tem se dado a maior parte de suas ações.

Oferece a possibilidade de elaboração de um sentimento/processo de orfandade, do qual também compartilham mulheres e famílias xukuru que foram vítimas de diferentes formas de violência, em virtude dos processos de ocupação de suas terras no período colonial e pós-colonial, fato que gerou o deslocamento forçado e, consequentemente, a subordinação a formas precárias de trabalho no centro urbano da cidade de Pesqueira, Pernambuco, e outras regiões do Brasil.

Nesse trajeto de (re)fazer-se, para além do geográfico, acontece o acolhimento e (re)elaboração de memórias por parte também daqueles que compõem esses territórios; bem como as práticas das interações que envolvem assuntos de interesses em comum dos coletivos. Esse estar também contempla os embates de um corpo território que ocupa um espaço de representação de artista mulher indígena que (re)habita e (re)tinta, com jenipapo e urucum, os referenciais ensinados pela academia dada sua formação universitária.

Um processo criativo que se faz na experimentação de alianças afetivas, em que a troca acontece em meio das diversas comunidades culturais, políticas, sociais, na continuidade de relações, entendida como potência entre planos sem limitações, para seguir suspendendo o céu, sem o qual não há existência possível.

## Referências

ALVES, Juliana, SARDELICH, Maria Emilia. **Cartas Celestes**: pensar as mediações da Estação. João Pessoa: Editora da UFPB, 2019. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/735>

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. Encontro. In: COHN, Sergio (org.). **Encontros com Ailton Krenak**. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

PANKARARU, Elza. **Fala no Acampamento Terra Livre. 2022**. Disponível em: <https://apiboficial.org/atl2022/>

TERENA, Naine. **A arte funciona como instrumento de luta para os indígenas**. Entrevista cedida a Ana Paula Orlandi. 25 janeiro de 2021. Disponível em: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/a-arte-funciona-como-instrumento-de-luta-para-os-indigenas-naine-terena/>

XUKURU DE CIMBRES, Ana. **Depoimento cedido a Juliana Alves Xukuru para a realização deste artigo**. Aldeia Mãe Maria, 16 de abril de 2021.

**Juliana Alves Xukuru**. Mestre em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal de Pernambuco (PPGAV UFPB/UFPE). Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 2016. Atualmente integra o Grupo de Pesquisa em Ensino de Artes Visuais (GPEAV), da UFPB. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5082989303552432> ID Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8683-3115>

**Maria Emilia Sardelich**. Doutora em Educação, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora adjunta da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Centro de Educação (CE), Departamento de Metodologia da Educação (DME). Pesquisadora permanente do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPB e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8436767321723519> ID Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8134-8807>

## Notas

---

<sup>i</sup> Ver Manifesto das Mulheres Indígenas. I Marcha das Mulheres Indígenas. 2019. Disponível em: <https://cimi.org.br/2019/08/marcha-mulheres-indigenas-documento-final-lutar-pelos-nossos-territorios-lutar-pelo-nosso-direito-vida/>

<sup>ii</sup> Ver SP ARTE 2022. Disponível em: <https://www.sp-arte.com/artistas/juliana-alves-xukuru/>

<sup>iii</sup> Ver Acampamento Terra Livre 2022. Disponível em: <https://apiboficial.org/atl2022/>